

Após a Rio +20, o carioca¹ começa a apresentar hesitação ao apoiar grandes eventos

Por Rubens Duarte (LABMUNDO-RJ)

Tradicionalmente, o Rio de Janeiro é um pouco da imagem brasileira no exterior. Contribuiu para isso, além das belas paisagens, a divulgação da cidade pela Bossa Nova e pelo cinema nacional, mas também o Carnaval, o futebol, a praia e a liberdade sexual. Esse conjunto de imagens, criadas, inventadas e reproduzidas, interage de modo dialético com a realização de grandes eventos na capital fluminense. Desde concertos internacionais – como o Rock in Rio, que conferiu ao Brasil a condição de rota de grandes astros da música internacional – a cúpulas da Organização das Nações Unidas (ONU) – como a Eco-92 –, o Rio de Janeiro é usado como porta de entrada e como cartão postal pelo governo brasileiro. Essa função evidenciou-se ainda mais, com a candidatura sucessiva da cidade para sede dos Jogos Olímpicos, assim como com a escolha pela FIFA e pelo governo brasileiro do Maracanã como palco da final da Copa de 2014. Em um período em que o Brasil busca lançar-se mais ativamente no cenário internacional, também por meio de uma “diplomacia esportiva”, o Rio de Janeiro deve ter um papel importante nessa política, o que parece começar a incomodar parte do povo carioca.

¹ Cabe ressaltar que o "carioca" pode ser entendido neste artigo de modo abrangente, embora no tenhamos apoiado, principalmente, na opinião da classe média carioca, que habita, em sua maioria, na Zona Sul, Barra e adjacências. Faz-se necessária uma pesquisa que analise todos os estratos sociais de diversas regiões da capital fluminense, incluindo recortes de gênero, raça, etc. para evitar generalizações, mas essa tarefa estava para muito além do escopo de nossa breve análise aqui esquematizada.

Segundo argumentado pelo governo brasileiro e confirmado pelo Comitê Olímpico Internacional, povo carioca apoiou reiteradamente as candidaturas da cidade para receber os Jogos Olímpicos. A forte mobilização popular e do setor artístico na campanha “Rio 2004”, divulgação em larga escala de vídeos e de músicas temas sobre o Rio, assim como a chuva de papel picado na Avenida Rio Branco, após o anúncio da vitória do Rio para 2016, são exemplos claros desse apoio. Quanto à recepção de grandes eventos, há, entretanto, indícios de mudança dessa perspectiva, entre vários setores da sociedade, principalmente a classe média e a menos abastada. Embora algumas empresas lucrem bastante com o grande número de obras públicas e as taxas de desemprego tenham caído, não é de hoje que a população carioca demonstra irritação, quanto aos transtornos causados – ou agravados – pela recepção de grandes eventos. As reclamações originam-se não somente em regiões próximas às instalações em que esses ocorrem, como a Barra da Tijuca, mas moradores da Zona Sul, área nobre carioca, também costumam sofrer com engarrafamentos e outros problemas, na medida em que é onde se situam grande parte da rede hoteleira e as praias mais famosas para o turismo.

Diante de gargalos como engarrafamentos ou fila no atendimento de serviços públicos, assim como ao presenciar problemas na organização de eventos esportivos ou musicais, tornaram-se frequentes menções à incompatibilidade desses problemas com a realização da Copa e dos Jogos Olímpicos na cidade. Ao longo da Rio +20, as redes sociais foram invadidas por discursos irritados dos cidadãos da capital fluminense quanto ao trânsito, à superlotação do transporte público e à falta de investimentos em infraestrutura. O que é agravado pela preferência pelo uso do automóvel, em detrimento do transporte coletivo; pela organização espacial segregacionista da cidade; pela ineficiência do transporte coletivo;² e pela falta de acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência.³ Esses fatores representam indícios que merecem uma pesquisa mais aprofundada, com o objetivo de verificar a difusão desse fenômeno, e de entender quais são os

²SMOLKA, Martim O., **Mobilidade intra-urbana no Rio de Janeiro: da estratificação social à segregação residencial no espaço** disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol9_n2_1992/vol9_n2_1992_1artigo_97_114.pdf, capturado em 28/06/2012.

³DUARTE, Cristiane R & COHEN, Regina, in **Desenvolvimento de metodologia para a confecção de um guia do Rio de Janeiro acessível**. Disponível em http://www.processo.fau.ufrj.br/artigos/Metodologia_para_Guia_de_Acessibilidade_-_Visoes_Contemp.pdf. Capturado em 28/06/2012.

motivos que levam o povo do Rio de Janeiro a repensarem o apoio à recepção de grandes eventos. Intuitivamente, há a hipótese de que os transtornos experimentados durante os Jogos Pan-Americanos e a Rio +20 levaram a um novo cálculo, mais pessimista, de custo-benefício pelos cariocas. Além disso, pode-se afirmar que, em maior ou menor grau, os cariocas estão temerosos de protagonizar um vexame de sediarem um grande evento que venha a ser lembrado pelo fracasso. Nesse sentido, uma pesquisa empírica faz-se necessária, para se compreender melhor a opinião do povo carioca e o motivo pelo qual há essa impressão de que a perspectiva da sociedade está mudando.

Além da saturação dos meios de circulação dentro da cidade e para chegar nela – porto e aeroportos –, há certa insatisfação, quanto à estratégia de decretar feriados, para reduzir a quantidade de pessoas nas ruas. Com o feriado, os empresários lamentam o dinheiro perdido com dias a menos de trabalho; as pessoas que não conseguiram folgar enfrentam longos engarrafamentos para chegar ao serviço; e esses que foram para o trabalho buscam uma alternativa para a guarda dos seus filhos, na medida em que as escolas estavam em recesso escolar. Se a recepção desses eventos estimula a economia da cidade, por um lado, é possível afirmar que esses feriados representam um entrave.

Fora do âmbito político carioca, os indícios de que os cariocas estão menos receptivos aos grandes eventos podem afetar a política brasileira. Torna-se difícil que o governo continue com o discurso de que o Brasil está se preparando apropriadamente para a Copa de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, na medida em que os gargalos presentes no Rio de Janeiro tornam-se ainda mais evidentes, durante a realização de grandes eventos. A preocupação do governo deve transcender o (necessário) investimento em infraestrutura, pois não convém para um país que tem o propósito de inserir-se como um grande ator das relações internacionais que uma das suas cidades mais conhecidas torne-se menos receptiva, nem que os eventos divulguem uma imagem negativa do país.

O carioca orgulha-se de ser um povo receptivo, acolhedor e animado; mas zela pela sua imagem no mundo, ainda que reconheçam defeitos na cidade. Apesar de todos os transtornos, os eventos realizados no Rio de Janeiro ainda estão longe de serem considerados um fracasso. As reclamações quanto à falta de infraestrutura têm

fundamentação, mas não significam que a cidade seja incapaz de receber eventos de grande porte. A preocupação legítima do carioca deve ser entendida como a percepção de que os investimentos não suprem as necessidades da população. Afinal, em um mês em que foi discutido incessantemente o “futuro que nós queremos”, as pessoas desejam um desenvolvimento sustentável verdadeiro. ■